ENSAIO DE CARTOGRAFIA POLÍTICA: AS ELEIÇÕES DE 2018

ESSAY OF POLITICAL CARTOGRAPHY: THE 2018 ELECTIONS

ENSAYO DE CARTOGRAFÍA POLÍTICA: LAS ELECCIONES DE 2018

THEO SOARES DE LIMA
Doutorando em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
E-mail: theolima@gmail.com

Inspirado em experimentações de "cartografia política" (ZIBECHI, 2007; 2008), o ensaio que segue pretende esquadrinhar as eleições brasileiras de 2018, donde foram escolhidos presidente, governadores, senadores e deputados estaduais e federais. Apoiando-se especialmente em reportagens jornalísticas e dados institucionais, esse é um panorama empírico do cenário atual, a partir do qual algumas reflexões esboçam possíveis elucidações para a emergência da extrema direita que assola (não só) o sistema representativo nacional.

Terra Livre	São Paulo	Ano 34, Vol.1, n. 52	p. 695-732

Recentemente vi um *stand-up comedy* nada convencional, chamado "Nanette". Nele, a autora e interprete, Hannah Gadsby, dedica uma parte da apresentação a Van Gogh, ressaltando o dito comum de que pessoas geniais são incompreendidas porque "nasceram à frente do seu tempo". Ao que conclui ser uma enorme mentira, dado que "ninguém nasce à frente do seu tempo, é impossível", e termina com uma piada com a qual me identifico por nascença: "talvez os prematuros, mas depois eles (nos) alcançam!" (44min).[1] O mesmo acontece com este ensaio. Não só no sentido de que fala a partir e sobre o momento em que é escrito, mas por tratar de tema escasso no cenário atual: a preocupação com a autonomia, num mundo que parece estar em curva ascendente de conservadorismo e, mais forte, de reacionarismo.[2] Mesmo que a hora seja de autoritarismo, preocupar-se com a liberdade não está fora de nosso tempo.

Há precisamente treze meses, começando o primeiro semestre de doutorado deste autor, o panorama já não era bom. Impedimento presidencial por improbidade administrativa, transcorrido e concluído. Reforma trabalhista aprovada no Legislativo e ratificada pelo Executivo. Desemprego e inflação crescentes, acompanhados por desvalorização cambial frente ao dólar. Enfim, instabilidade política e econômica, claras e assentadas, acompanham a pesquisa que motiva esse ensaio desde seu início.

Entretanto, no dia 07/10/2018 o "nada de novo" agravou-se. O que, pessoalmente, configura-se em piada terrivelmente sarcástica: exatamente um mês antes dos meus 29 anos. Assim, a

[1] "Hannah Gadsby: Nanette", disponível no serviço de streaming Netflix.
[2] Para uma análise sucinta disso, ver: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso. Acesso em: out. 2018.

presente cartografia política expressa-se por duplicidade. Tanto é o desabafo de quem, mesmo imerso em aterradora conjuntura, retém como preocupação a análise de espacialidades autonomistas, quanto é o registro histórico (porque situa a investigação no espaço-tempo em que é produzida) de sua antinomia, a organização social heterônoma. Não é possível pensar somente sobre aquilo que corrobora a teoria, também é necessário entender o que a contesta. Aos fatos, então.

O presidenciável do Partido Social Liberal (PSL), capitão militar reformado Jair Bolsonaro, e seu vice, o (também reformado) general militar Hamilton Mourão, atingiram expressivos 46,03% dos votos válidos para o cargo. Faltaram-lhes apenas 4% para alcançar avassaladora vitória em primeiro turno. Tais números ficaram muito acima das séries históricas de todas as pesquisas realizada ao longo da campanha, cujo teto manteve-se ao redor de 35% dos votos válidos. Inclusive, o percentual apurado é bem diferente das duas últimas pesquisas publicadas antes da votação, nos dias 3 e 6 de Outubro, de responsabilidade dos institutos Ibope e Datafolha respectivamente.[3] Os únicos acertos estatísticos, ou próximos disso, deram-se nas pesquisas de boca de urna.[4]

Assim, o Sábado antecessor à eleição expressou enorme capacidade de rearranjo do chamado voto útil, consideravelmente *à direita* do que estava previsto. Creio que as razões, ao menos três

[3] Para a do Ibope, ver: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/04/pesquisa-ibope-de-3-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-raca.ghtml. Para a do Datafolha, ver: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/06/pesquisa-datafolha-de-6-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml. Acessos em: 08 out. 2018.

[4] Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/boca-de-urna-ibope-presidente-eleicoes-2018.htm. Acesso em: 08 out. 2018.

delas, são: a capacidade de articulação da (ultra)direita, o descontentamento generalizado com a "política tradicional", em particular com os políticos de carreira, e a força do sentimento antipetista. Todas, a meu ver, tem tido sua potência reiteradamente subestimada, ou desqualificada, pelo que amplamente se pode chamar de "esquerda" (quiçá o termo progressista fosse de maior acuidade).

Ainda que os acontecimentos eleitorais estejam demasiado frescos para análise profunda, algumas caracterizações de conjuntura já são possíveis e devem ser feitas (inclusive pelo impacto de seu frescor). Peço licença ao leitor para ocupar alguns parágrafos seguintes com informações descritivas, elas são a contextualização da magnitude do que aconteceu nas urnas.

Começo a partir daquele que disputou o primeiro, ou o segundo lugar, em todas as eleições presidenciáveis desde 1989, e que é o grande divisor de águas da política institucional brasileira, o Partido dos Trabalhadores (PT). Sua bancada federal diminuiu pela segunda vez consecutiva, de 88 para 69 parlamentares em 2010-2014, e de 69 para 56 parlamentares em 2014-2018.[5] O mesmo aconteceu com a bancada no senado, que passou de 11, em 2010, para 6, em 2018.[6] Nomes tradicionais do partido, como Eduardo Suplicy (São Paulo - SP), primeiro senador eleito na história da legenda, e Lindberg Farias (Rio de Janeiro - RJ), forte nome contemporâneo, não conquistaram assentos. A ex-presidente Dilma Rousseff,

[5] Disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/pt-perde-deputados-mas-ainda-tem-maior-bancada-da-camara-psl-de-bolsonaro-ganha-52-representantes.ghtml. Acesso em: out. 2018.
[6]Disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/mdb-rede-e-pp-elegem-o-maior-numero-de-senadores.ghtml. Acesso em: out. 2018.

também em incrível inversão das pesquisas[7], ficou sem mandato. Relembrando a situação totalmente inesperada e radicalmente atípica, Dilma sofreu impedimento mandatário sem perda de direitos políticos[8], diferente do que aconteceu com Fernando Collor em 1992 (que, aliás, não foi cassado, renunciou).[9]

Tendo em vista as três razões apontadas em parágrafo anterior, é essencial destacar que o rearranjo de assentos não é exclusivo do PT. O espectro é bem mais complexo. A renovação parlamentar, a redução de quadros históricos, a propulsão de novas oposições... A singularidade do momento é certamente digna de nota nos anais brasileiros e, porque não, mundiais, afinal o Brasil é continental em área e gigante socialmente. As eleições não passam desapercebidas porque suas consequências pesam na balança global.

Sobre a mais importante câmara federal. Apenas um senador, em cada quatro, conseguiu atingir a desejada reeleição, totalizando 8 assentos dos 32 que a tentaram. Algo corriqueiro foi transformado em verdadeira façanha.[10] Dentre nomes considerados sólidos, mas que perderam vaga, estão Magno Malta (Partido da República – PP), que recusou convite para vice-presidência de

[7] Disponível em https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/noticia/2018/09/06/pesquisa-datafolha-para-o-senado-em-minas-gerais-dilma-26-viana-11-pacheco-9-lacerda-8.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[8] Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/08/31/apos-ter-mandato-cassado-dilma-rousseff-mantem-os-direitos-politicos.htm.. Acesso em: out. 2018.

[9] O próprio Collor questionou tal mérito em discurso no Senado. Impressionantemente, duas décadas depois do episódio, o político ocupava assento na casa que reiterou os crimes de "pedalada" aprovados na Câmara. Disponível em https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/31/collor-questiona-possibilidade-de-dilma-ser-cassada-e-preservar-direitos-politicos. Acesso em: out. 2018.

[10] Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/3-em-cada-4-senadores-que-tentaram-novo-mandato-perderam-a-eleicao-em-2018.ghtml. Acesso em: out. 2018.

Bolsonaro[11], e Romero Jucá (Movimento Democrático Brasileiro – MDB), bastião do impedimento presidencial e gravado em áudios da Investigação Lava-jato.[12] Vale lembrar, a perda do mandato é acompanhada pela perda de fórum privilegiado.[13] Outros importantes nomes, Cristovam Buarque (Partido Popular Socialista – PPS) e Eunício Oliveira (MDB) também ficaram fora da lista dos 54 senadores eleitos.

Por outro lado, enquanto nomes históricos sofreram "um baque", o senador mais votado no RJ é estreante na casa, membro da família Bolsonaro e também filiado ao PSL, o até então deputado estadual, Flávio Bolsonaro. Seu partido passou de 0 para 4 assentos no período 2010-2018. Ainda, exemplificando quão aparentemente paradoxal é a representatividade legislativa, o estado do Rio Grande do Sul (RS) elegeu dois senadores simetricamente opostos politicamente, refletindo a antiga polarização que gravita o universo eleitoral.[14] São eles: Luiz Carlos Heinze, do Partido Progressista (PP), apoiador declarado de Bolsonaro, e Paulo Paim, do PT. Novamente contrariando as pesquisas, Heinze figurava na longínqua quarta posição, mas acabou por deixar o líder das intenções, José Fogaça (MDB), fora do Legislativo. Ao passo que o segundo turno

[11] Disponível em https://oglobo.globo.com/brasil/magno-malta-recusa-convite-de-bolsonaro-para-ser-vice-na-chapa-22874264. Acesso em Outubro de 2018.

[12] Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html. Acesso em: out. 2018.

[13] A estratégia de Aécio Neves (PSDB), que passou de presidenciável em 2014 para concorrente a deputado federal (eleito ao final da fila mineira, por sinal, e que optou por esse cargo dada a facilidade de acesso a Câmara em comparação ao Senado) é fortemente exemplar do que representa o resguardo investigativo sobre o Parlamento. Através das urnas garantiu o adiamento de sua "culpa no cartório" e limpou a imoralidade em suas mãos com o lenço da legalidade.

[14] Tal polarização se vê claramente na disputa presidencial. Afora o Ceará, no qual Ciro Gomes foi o mais votado, em todos os outros estados ou ganhou o presidenciável do PT ou o do PSL. A mesma divisão binária, antes entre PT e PSDB, acontece desde 2006, como aponta a BCC Brasil. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45780864. Acesso em: out. 2018.

para governador gaúcho não reflete o "racha" ao senado, com dois partidos historicamente bem mais próximos que PP e PT. A disputa será entre um candidato do MDB, tentando a reeleição (que nunca aconteceu no estado), e outro do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em concorrência inaugural ao Executivo estadual. Apesar da histórica oposição do MDB à ARENA, no período ditatorial, seu candidato abriu alinhamento com Jair Bolsonaro e por ele foi respaldado.

No âmbito do Congresso, a renovação foi quase tão considerável quanto no Senado. Menos da metade dos candidatos a deputado federal conseguiu se reeleger, reiterando o desapontamento com o "tradicional" e a "velha política". Se o MDB, sobre o qual se chegou a cunhar o chavão "sem ele não se governa", teve uma queda histórica (o partido que mais perdeu deputados, ao mesmo tempo que teve o maior ganho de assentos no Senado), o PT, por outro lado, apesar da diminuição consecutiva, segue com maioria representativa. O PSDB, que servia como uma espécie de amortecimento "civilizado" da direita, passou de 3ª maior bancada congressista para 9º lugar.

Todas essas vacâncias parecem ter sido ocupadas pelo PSL, o quadro que mais cresceu. De assombrosos 1 parlamentar, em 2014, para 52, em 2018, tornou-se a segunda maior legenda do Congresso nos próximos quatro anos. O lambari, transcorridos 20 anos de sua fundação, virou tubarão. Em face a isso, é inegável a potência de impulsão associada ao nome Bolsonaro, fenômeno produzido "à golpe de frase feita", como disse Ciro Gomes, presidenciável do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e terceiro lugar na apuração final.[15]

[15] Disponível em https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/ciro-gomes-ataca-bolsonaro-quer-ser-presidente-a-golpes-de-frase-feita-ahlob4rduu4f4kaav59lwdpc9/. Acesso em: out. 2018.

A nível de curiosidade, Ciro também chamou, em plena rede nacional, o vice do PSL de "jumento de carga".[16]

No RS, a maior votação federal é de Marcel Van Hattem, eleito pelo Novo (partido que disputa pela primeira vez as eleições nacionais e já conquistou segundo turno para governador em Minas Gerais - MG[17]) para inaugurar mandato em Brasília com números expressivos. O estado, entretanto, reelegeu 60% de seus deputados, número alto na presente eleição. Em SP, Eduardo Bolsonaro (PSL), mais um filho do presidenciável, foi reeleito com a maior votação da história do país para o cargo.[18] Seu partido também ocupou o primeiro lugar para o Congresso em outros quatro estados. Para efeito de comparação, o PT atingiu liderança em apenas duas unidades federativas (revelando, simultaneamente, que ainda há interesse na sigla, apesar de não se configurar como preferência do eleitorado).[19] Em São Paulo, o primeiro nome do partido aparece em 15º lugar, enquanto a segunda posição geral também pertence ao PSL. Além disso, nos dez primeiros nomes aparece uma policial, um militar e um pastor, reflexo dessas instituições como proeminentes

[16] Disponível em https://www.terra.com.br/noticias/general-mourao-e-um-jumento-de-carga-diz-ciro-gomes,533cdfad3e4b5d0fef11706c040c5e8ep70eqiow.html. Acesso em: out. 2018.

[17] Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/anastasia-e-zema-vao-disputar-o-segundo-turno-em-minas-gerais.htm. Acesso em: out. 2018.

[18] O recorde pertencia ao icônico Enéas Carneiro, do antigo Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), que disputou as eleições presidenciais em 1989, 1994 e 1998. Foi eleito deputado federal em 2002, também por São Paulo. Além disso, é no mínimo curioso que Jair Bolsonaro tenha sido associado a uma espécie de "herdeiro" seu.

[19] As informações citadas no parágrafo podem ser encontradas em matéria única, disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/pt-perde-deputados-mas-ainda-tem-maior-bancada-da-camara-psl-de-bolsonaro-ganha-52-representantes.ghtml. Acesso em: out. 2018.

atores do jogo atual.[20] Ainda, dentre esses dez está outro nome que ganhou notoriedade recente pela sua oposição ao PT: Kim Kataguiri, co-fundador do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo amplamente reconhecido por disseminar notícias falsas.[21] Dos quatro outros estados que têm o PSL como "cabeça de chave", está o RJ. Com 46 deputados federais eleitos, apenas 16 provém de reeleição: renovação expressiva de 65% dos assentos.[22] Em assimetria política similar aos senadores do RS, o segundo lugar da assembleia carioca é ocupado por Marcelo Freixo, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que disputou histórico segundo turno para prefeitura do Rio de Janeiro em 2016, e perdeu para o pastor Marcelo Crivella (Partido Republicano Brasileiro – PRB). Em Minas Gerais, o PT ocupa maioria para bancada federal, com 8 parlamentares num total de 53, seguido pelo PSL, com 6, dos quais 1 é, novamente, o mais votado.[23] Encerrando os maiores colégios eleitorais do Brasil, o estado da Bahia (BA) colocou no topo de sua lista, com folga, um pastor-sargento (!) do partido Avante (que conta com mais um candidato eleito). Contudo, a bancada petista baiana é forte, com 8 eleitos dentre o total de 39.[24] Além disso, o estado reelegeu seu governador, Rui Costa (PT), com esmagadores 75% no primeiro turno.[25]

[20] Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/veja-os-candidatos-a-deputado-federal-eleitos-em-sp.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[21] Disponível em https://oglobo.globo.com/brasil/facebook-derruba-rede-de-fake-news-usada-pelo-mbl-22917346. Acesso em: out. 2018.

[22] Disponível em https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/veja-quais-foram-os-deputados-federais-eleitos-no-rj.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[23] Disponível em https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/minas-gerais-elege-53-deputados-para-camara-dos-deputados-em-brasilia.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[24] Disponível em https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/confira-a-lista-dos-39-deputados-federais-eleitos-pela-bahia.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[25] Disponível em https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/rui-costa-do-pt-e-reeleito-governador-da-bahia.ghtml. Acesso em: out. 2018.

Considerando os mesmos colégios eleitorais, os cinco maiores do país, a conjuntura das assembleias estaduais não foge ao panorama geral. No RS, os dois primeiros lugares são, de novo, do PSL. A liderança pertence a um tenente-coronel e seu partido ocupará a assembleia pela primeira vez, totalizando 4 parlamentares. O PT soma 8 assentos, perdendo 3 em relação a 2014, e 6 em relação a 2010. Os partidos Podemos, Avante e Solidariedade também inauguram assentos.[26] O estado de SP teve como deputado mais votado (outro recorde) Janaína Pascoal (PSL), concorrente pela primeira vez a cargo político. Sua candidatura consolidou-se através da fama adquirida enquanto "advogada do impedimento" contra Dilma Rousseff. O PSL conquistou maioria no plenário paulista. Do total dos 94 assentos eleitos para o próximo exercício legislativo, 9 são de origem militar. A renovação dessa assembleia é de 55%.[27] Por sua vez, o RJ igualmente renovou mais de 50% dos titulares. Também aqui o PSL ocupa maioria e têm o deputado mais votado. O primeiro petista da lista carioca aparece em 21º, acompanhado por apenas mais dois assentos. Ainda, foram eleitos dois delegados e dois militares.[28] Na Bahia, os eleitores fizeram eco à escolha federal, elegendo novamente um candidato do Avante na liderança. O PT mostra-se forte, com 10 dos 63 deputados eleitos, enquanto o PSL

[26] Disponível em https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/10/confira-quem-sao-os-deputados-estaduais-eleitos-no-rs-cjmzen7ac02yh01pi9pxxosxy.html. Acesso em: out. 2018.

[27]Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/assembleia-legislativa-de-sp-tera-55-de-deputados-novos.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[28]Disponível em https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/deputados-estaduais-sao-eleitos-no-rj-veja-lista.ghtml. Acesso em: out. 2018.

ganhou 2 assentos.[29] Em MG, ambos partidos, respectivamente, ocupam a 1ª e 4ª maiores bancadas, com 10 e 6 deputados, do total de 77 parlamentares. O segundo mais votado tem patente de sargento.[30]

Enfim, no que tange os governos das unidades da federação, houve uma divisão proporcional de 13 eleições definidas em primeiro turno e 13 que irão para segundo turno (mais o Distrito Federal). Dos ganhos no primeiro turno para o Executivo, três pertencem ao PT (que disputa apenas um segundo turno, no Rio Grande do Norte, e não conseguiu alavancar, a tida como certa, reeleição em Minas Gerais, barganhada, inclusive, por sua retirada na corrida em Pernambuco[31]). Outras três são do Partido Socialista Brasileiro (PSB), ocupante de 5 vagas no Senado e outras 32 no Congresso. Dos sete governadores restantes, dois são do Democratas (DEM), que terá 7 senadores e 29 deputados federais. Os outros cinco cargos dos Executivos estaduais pertencem cada um a um partido.[32]

Peço desculpas pela extensão de "alguns parágrafos" tornados páginas. Tal dimensão, todavia, não é excessiva porque se justifica na ampla disposição de dados e referências disponíveis. Todo registro histórico deve prezar tais exatidões, e que, no caso, ajudam a visualizar o universo no qual é gestado o futuro. É a densidade da amostragem fática, inclusive, que permite afirmar ser evidente o panorama retrógrado da atualidade brasileira.

---

[29] Disponível em https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/veja-quem-sao-os-63-deputados-estaduais-eleitos-na-bahia.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[30] Disponível em https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/saiba-quem-sao-os-77-deputados-estaduais-eleitos-em-minas-gerais.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[31] Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/01/politica/1533147678_912904.html. Acesso em: out. 2018.

[32] As informações do parágrafo podem ser encontradas em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/brasil/. Acesso em: out. 2018.

Resumidamente, o cenário descrito mostra mudanças radicais no comportamento do eleitorado, que, acredito, são ressonâncias das "três razões" apresentadas anteriormente, porque dizem respeito ao cotidiano. A elas retorno para encaminhar uma crítica que possa dar esperança a tão tenebroso prefácio.

Sobre os dados, o que eles apresentam de maneira bruta? Os três principais partidos desde a redemocratização, PT, MDB e PSDB, perderam representatividade tanto no Executivo quanto no Legislativo. Desde o primeiro mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso, a atual eleição é a primeira em que o PSDB não vai ao segundo turno. Aliado a tal, sua bancada no Congresso diminuiu, e o presidenciável da legenda viu seus votos, durante toda a campanha, especialmente nos últimos dois dias de disputa, migrarem para o PSL. Geraldo Alckmin (PSDB) contabilizou menos de 5% dos votos válidos, desidratado pela tentativa de garantir a eleição do capitão reformado em primeiro turno. Marina Silva (REDE) igualmente presenciou sua candidatura esvair-se, sem nada poder fazer. Sua apuração final aportou menos de 1%.

O maior foco de atenção aqui, evidentemente, deve se dar sobre o PSL e a figura de seu candidato para presidente. Dentre as quatro maiorias conquistadas para Assembleias, duas ocorreram nos maiores colégios eleitorais do país, SP e RJ, respectivamente. Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, e Geraldo Alckmin, governador paulista por três mandatos, viram-se completamente ignorados enquanto opção eleitoral na região. Só São Paulo deu a Bolsonaro 25% do total de seus votos (valor bruto quase igual ao montante nacional de Ciro Gomes, tido como espécie de terceira via

ao PT e ao PSL) no primeiro turno.[33] Espírito Santo e Paraná são as outras UF com as maiores bancadas do PSL. O crescimento do partido para o Congresso foi estratosférico e deterá quase o mesmo número de parlamentares que o PT, na Câmara e no Senado. Assim, seu papel de oposição antipetista será forte e sólida em todos os âmbitos institucionais.

Diferente do que se esperava, Jair Bolsonaro terá respaldo direto no Legislativo. As consequências formais serão sinistras por si só, sem mencionar o simbolismo que todos esses ganhos representarão, enquanto legitimidade de um discurso abertamente opressor. Como diz a expressão, ganhar é uma coisa, "ganhar de lavada" é outra.

Dada a conjuntura, a disputa do PSL passou de "marcar um ponto de vista", por ex. a difusa "crítica" dirigida à ineficácia da gestão pública, para direta capacidade de alavancagem parlamentar. Em outras palavras, o eleitorado do PSL não só saiu vitorioso no que tange se fazer ser ouvido, como tratou de garantir a *legalidade* de efetivá-lo, com ampla bancada e um presidenciável em primeiro lugar no primeiro turno. O maior desafio do partido será medido pela capacidade de negociação, frente ao número recorde (mais um!) de impressionantes 30 siglas no plenário.

No quadro geral, Bolsonaro conseguiu fazer "as vezes" de oposição forte o suficiente para encurralar ainda mais o PT, relegado à maioria em apenas uma das cinco macrorregiões brasileiras. Diferente do que se vê no mapa eleitoral de 2014, o candidato petista perdeu maioria na região Norte, restando somente o Nordeste como curral eleitoral indisputável. Cabe destaque para a evolução eleitoral

[33] Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/1turno/brasil/. Acesso em: out. 2018.

desde 2002, quando Lula perdeu em apenas um estado, no segundo turno. Posteriormente, o avanço da polarização é evidentemente crescente, passando a dividir o país na diagonal Noroeste-Sudeste, encurralando a maioria petista cada vez mais à Nordeste (com Pará e Tocantins "agregados").[34] Não fosse suficiente, Bolsonaro fez impressionantes 60% dos votos nos estados do Acre e de Roraima, bem como em Mato Grosso, no Centro-Oeste, e Santa Catarina, no Sul. Contudo, no seu total bruto, ainda pesa a densidade populacional do Sudeste, especificamente de SP.[35]

Assim, a amostragem revela consistência estratégica. Tenha sido ela motivada pelo antipetismo, pelo descontentamento representativo ou pela eficiente articulação direitista, o emaranhado resultou extremamente bem tecido em favor do PSL. Mesmo que perdesse a presidência, teria capacidade de tornar o país ingovernável.... Institucionalmente, resta saber que saídas a "oposição" efetivará para contornar tal fato, o que, nesse momento, é colocar a carreta muito na frente dos bois.

Dado esse tanto, o que inquieta é: como a "mesma" sociedade, que escolheu o governo de Luís Inácio Lula da Silva por duas vezes, com aprovação de quase 90%, e que depois reiterou dois mandatos de Dilma Rousseff, agora elege suas antíteses? A primeira resposta, e a mais óbvia, é que não é a "mesma" sociedade, há um novo, e considerável, eleitorado jovem, cuja maioria apoia a candidato do PSL.[36]

---

[34] Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/29/media/1540824280_004548.html. Acesso em: nov. 2018.

[35] Disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/bolsonaro-tem-mais-da-metade-dos-votos-validos-em-12-estados-e-no-df-haddad-em-4.ghtml. Acesso em: out. 2018.

[36] Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761. Acesso em: out. 2018.

Os eleitores facultativos de 16 anos, por ex., estavam nascendo em 2002, na primeira eleição do PT. Cresceram em uma economia "de vento em popa", a pleno emprego, emprestando dinheiro ao Fundo Monetário Internacional (FMI), de aumento da escolaridade, da renda, do poder aquisitivo, da ascensão social. Ao mesmo tempo, viveram um cenário político-midiático que associou esquerda ao estatal, cuja gerência quebrou a economia[37] (para isso o PT não tem desculpas a dar, pois, apesar das pautas-bomba intencionalmente encaminhadas para implodir a governabilidade, foi o próprio PT, por exemplo, que segurou os preços de combustível e de energia até a eleição, para dispará-los logo seguinte à posse, e também foi ele que "surfou" no *boom* internacional das *commodities* nos anos 2000, cenário que, obviamente, não se manteria eternamente favorável).

Tal guinada à direita terá sido a impossibilidade de alcançar o sonho prometido pelos anos promissores do lulismo? Ascensão do poder de compra esvanecido. Universitário formado, mas desempregado.[38] Crescente violência cotidiana. O que aconteceu com aquele futuro frutífero dos anos 2000? A conciliação econômico-partidária ruiu e dela surgiu uma fênix negra, ignorante, paranoica e "sem filtro": para evitar outro governo petista vale qualquer candidato.

"A esquerda" não soube fazer importantes autocríticas, e, ao se consolidar dentro da democracia burguesa/representativa, empurrou todos que de si discordavam para a direita. Muitos compraram a ideia e, abraçados a ela, floresceram. Outro aspecto, o

[37] Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-ralo/. Acesso em: dez. 2018.
[38] Ainda em 2010, ao final da graduação, ironizávamos que ao colar grau passava-se de "futuro da nação" para "problema social". A confirmação da realidade não poderia ter sido mais perversa.

PT, com a maior aprovação presidencial da história, abriu mão de fazer reformas profundas e necessárias para a maioria da população. Focado na consolidação do consumo e da acumulação, esqueceu das desigualdades estruturais. Quando essa frágil garantia entrou em crise, a decepção popular lhe acompanhou a galope.

Isso mostra que talvez tenhamos lido mal o cenário de poucos anos atrás, nos iludindo de que a conquista de avanços materiais concretos e da abertura da discussão de pontos tabus levaria, *necessariamente*, a uma sociedade melhor. Talvez tenhamos recaído, sem perceber, em uma posição novamente linear do movimento histórico: daqui conquistamos tal e disso iremos para *más alla.* Parece que ignoramos a reação, a força em vetor oposto à pressão exercida, presumindo sempre uma resultante favorável. Mas às cotas veio a crítica da piora de qualidade no ensino, aos questionamentos de gênero veio o resgate da família tradicional, aos direitos humanos a defesa de bandido, à dúvida científica a certeza dos provérbios, à complexidade o simples, à garantia trabalhista o engessamento empresarial. Aos direitos à diversidade, o bloco monolítico da normalidade.

Outra questão importante a ser considera é a de que essa eleição brasileira é a primeira em que as redes sociais foram decisivas. De "correntes" no WhatsApp, a postagens no Facebook, passando por canais no Youtube, a produção de conteúdo midiático foi gigantesca. Inversamente proporcional se mostrou a importância do tempo televisivo, do qual o PSDB dispunha um latifúndio e que em nada resultou. Igualmente, o dispêndio de verba publicitária não mostrou qualquer efeito sob os percentuais apurados. Os candidatos Cabo Daciolo e Henrique Meirelles são indiscutivelmente o mais

gritante exemplo: o primeiro gastou R$ 800,00, e o segundo R$ 40.000.000, e aquele teve maior percentual que este.

Entretanto, as redes sociais trouxeram, para longe de uma benesse, como poderia supor a independência comunicativa/informativa dos meios eletrônicos, o ônus avassalador das notícias falsas. Os eleitores de Bolsonaro foram campeões em tal estratégia, seja por má fé, seja por pura ignorância. Fotos adulteradas de candidatos e planos de governos fictícios espraiaram-se como água. Mentiras descaradas foram igualmente veiculadas pelo próprio capitão reformado, como no caso do "kit gay", completa distorção de bibliografia sobre educação sexual como sendo "doutrinação para a homossexualidade".

Para encerrar sobre o papel das mídias. Ironicamente, a maior rede televisiva do país, a Rede Globo, que tanto "bateu" no Partido dos Trabalhadores, imaginando provavelmente a ascensão de um contraponto tucano (apelido dos integrantes do PSDB, por seu mascote-símbolo), vê-se agora sob escrutínio. Jair Bolsonaro coloca-se abertamente contra a emissora, priorizando entrevistas na concorrente evangélica e apoiadora de sua campanha, a Record TV. As Organizações Marinho devem estar sentindo falta da conciliação lulista tanto quanto a esquerda estranha uma "direita educada", com a qual um diálogo mínimo se fazia possível. Aonde chega, o bolsonarismo promove o conflito moralista (o cidadão de bem versus o resto) e por onde passa deixa terra arrasada.

Continuando, era impensável, até recentemente (2014, por ex., a última eleição presidencial), um militar ocupando o cargo Executivo federal. Jair Bolsonaro exerceu 7 (!) mandatos como deputado, e, em tal sentido, jamais pode ser considerado "novo" ou opção "fora do *stablishment*". O máximo que poderia alegar de

"novidade" seria a responsabilidade administrativa em vez de legislativa.

Ironicamente, a ausência de experiência é sua bandeira e através dela se fortalece. Seu bordão é "tem que mudar isso daí" e só. Abertamente declara não entender de economia, afinal o "presidente não precisa saber de tudo".[39] Para isso escolheu um "posto Ipiranga" particular, o economista (neo)liberal Paulo Guedes, investidor no sistema financeiro e igualmente cru quanto à gestão pública.[40]

Entretanto, de maneira alguma o capitão reformado está fora do jogo político tradicional. Não só fez *carreira* como trouxe à cabresto dois filhos para o Legislativo. É uma família pública sustentada e fortalecida a partir e de dentro do sistema institucional. Mais, é uma família que enriqueceu à base de privilégios ofertados e garantidos pela própria *categoria*. Os parlamentares votam suas condições de trabalho (aumento de salário, auxílio moradia, disponibilidade de transporte, equipe técnica, ajudas de custo...) e, quanto a isso, os Bolsonaro em nada abriram mão de suas condições, muito menos propuseram ou votaram contra tais absurdos. Seus patrimônios aumentaram enormemente, tanto é que expandiram os negócios familiares para o mercado de imóveis.[41]

Tudo que abominam publicamente fazem o inverso no privado. Reproduzem a "velha política", com ela enriqueceram e a partir dela ganham notoriedade. E dessa notoriedade congregaram

[39] Disponível em https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/bolsonaro-diz-que-presidente-nao-precisa-saber-de-economia-ele-tem-razao-4w0n2aahca0ex6jua4id1gunu. Acesso em: out. 2018.
[40] A frase é alusão para uma propaganda da rede de combustíveis, em que passantes perguntam questões aleatórias a um artesão. Sem saber a resposta, contesta "pergunta lá no posto Ipiranga", porque lá teria todo tipo de oferta de serviços. Esse é o nível técnico: desconhecimento de causa e alusão à bordões.
[41] Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1948526-patrimonio-de-jair-bolsonaro-e-filhos-se-multiplica-na-politica.shtml. Acesso em: Out. 2019.

grande eleitorado, apesar de que ninguém falava na família Bolsonaro "até ontem".[42] O pai, ao longo de quase três décadas como parlamentar, teve apenas dois projetos aprovados, um deles de ampla autoria. Dos outros 168 projetos restantes, sobram bizarrices (perdão, mas não há outra palavra para os conotar). Entre os 60 primeiros itens listados na página da Câmara[43], o que se lê é *corporativismo militar* (como a PEC-191/2016, que vincula o Ministério da Defesa às Forças Armadas, ou a INC-3488/2017, que atualiza auxílio aos militares) *e legalização de abuso policial* (como o PL-9064/2017, que torna "excludente de ilicitude" as ações de agentes públicos em operação policial, ou os PL 7701, 7711 e 7712/2017, que qualificam agravamentos de crimes). Em um país com homicídios que fazem paridade aos índices de locais em guerra, em que mais morrem policiais, em que prisões estão superlotadas de condenados por delitos menores ou com julgamento em trânsito, a resposta é legalizar o porte de arma (PL 10539/2018) e diminuir a maioridade penal. Sua visão de mundo não quer acabar com a violência, mas aumenta-la, até que todos que pensam e vivem diferente dele e deu seu secto sejam reprimidos e, se possível, erradicados. A política é de açoite, como a dos "camisas negras" italianos era do porrete e do óleo de rícino.

A família Bolsonaro dá respostas fáceis e radicalmente errôneas à resolução de problemas complexos e à garantia de avanços já conquistados. É o regresso do contemporâneo a um passado bárbaro e ilusório. Seu intento, no fundo, resulta tão simples, direto e raso quanto suas atitudes e afirmações: conquistar na urna a

[42] Avaliação corroborada pelas análises do Editorial de O Globo, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_FerDlopRj0. Acesso em: out. 2018.

[43] Os projetos de todos os deputados estão disponíveis no site oficial www.camara.gov.br.

legitimidade para destruí-la. Até mesmo a votação eletrônica foi contestada[44], ainda que praticamente todos seus mandatos tenham sido conquistados através dela.

O candidato do PSL não é pessoa de projeto, é de ação. Faz sem pensar. Afirma o slogan de campanha que o "Brasil (está) acima de todos, e Deus acima de tudo". Repete exaustivamente a ameaça fantasiosa de um golpe comunista em marcha no país, que seria uma afronta à propriedade privada e à família nuclear heteronormativa. Abertamente declara-se homofóbico e racista. Aponta o dedo para "pessoas corruptas" como se o problema não fosse estrutural e do qual ele, e sua família, não fizesse parte há quase três décadas.

Assim, personifica a reencarnação de visões responsáveis por reduzir o século XX a cinzas. Indiferente à queda do Muro de Berlin, ainda enxerga espectros stalinistas "do lado de lá do Rio Volga": sua visão histórica está empacada em obsoleto macarthismo. Somente um Edgar Hoover poderia invejar tamanha demência. Exemplificando, no imaginário bolsonarista o Araguaia ainda ameaça a soberania nacional e Jair quer caçar comunistas em um sistema-mundo no qual a China é o maior detentor de títulos do tesouro estadunidense, adquiridos durante a crise das hipotecas imobiliárias....

Feitas tais avaliações, cabe prosseguir para duas reflexões: que fatores que contribuíram para inversão política do eleitorado brasileiro, e, dentro disso, qual o papel do partido que ocupou a presidência durante 14 dos últimos 16 anos. As duas virão mais emaranhadas do que subsequentes.

[44]Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/17/presidente-do-stf-rebate-bolsonaro-e-diz-que-urnas-eletronicas-sao-seguras.htm. Acesso em: nov. 2018.

As manifestações cunhadas como "Jornadas de Junho", em 2013, são acontecimento chave para entender como os cinco anos posteriores nos trouxeram até aqui.[45] O PT ocupava a presidência, com Dilma finalizando o primeiro mandato. O país recebia a Copa das Confederações e estava na eminência de outros dois megaeventos, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. À época, grandes empreiteiras tomavam dinheiro emprestado do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) a juros mais baixos que o normal, construindo e reformando as maiores capitais do país.[46] Muitas das obras eram notórios "elefantes brancos", confirmados pela ausência de qualquer destinação de uso posterior. As doze cidades-sedes deram largada a amplas reestruturações urbanas, das quais muitas obras *ainda* seguem inacabadas.[47] O superfaturamento de orçamentos, já esperado pelo imaginário popular, confirmou-se. Empresários e políticos foram presos, delações foram negociadas e a indignação cresceu. Tudo feito à toque de caixa e acobertado por largos panos, ocultantes do custo social e econômico dessa desastrosa aventura. No fim, o circo pouco agradou e o pão resultou escasso. A população sentiu-se, e efetivamente foi, radicalmente enganada. Viveu e sofreu uma situação sobre a qual não foi consultada: nem se a queria, nem como a desejava e da qual nada angariou.

[45] Sobre o tema, ver "Cidades Rebeldes" (São Paulo: Editora Boitempo, 2013). Para um breve retrospecto, https://www.sul21.com.br/cidades/2013/12/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/. Acesso em: nov. 2018.
[46] No site do BNDES (www.bndes.gov.br) estão disponíveis toda a sorte de financiamentos prestados, como o ProCopa Arenas e ProCopa Turismo. Acesso em: nov. 2018.
[47] Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44472647. Acesso em: nov. 2018.

Primeiro, a repressão violenta das forças armadas nas ruas, com respaldo, por ex. do decreto de Garantia da Lei e da Ordem[48]. Era um governo teoricamente popular soltando seus cães de guarda sobre uma população engasgada com anos de caos em suas principais cidades. Em um país forjado na descrença em políticos, amplamente suspeitoso da corrupção no sistema representativo, carente de qualidade de vida e estruturado em ampla desigualdade social, os megaeventos personificaram o desvio deliberado, por parte do governo, do que era visto como prioridade popular, bem como das verbas necessárias para tal.

As manifestações de 2013, que começaram com a bandeira da redução tarifária do transporte público, cresceram meteoricamente. E desse crescimento surgiu uma tríade reivindicatória: saúde, segurança e educação. Não é à toa, todos políticos passaram a figurar essa tríade em seus discursos. Tal efervescência também comportava outro grito, de descrença na via representativa.

A repressão por um lado, e inutilidade das obras por outro, agregou uma massa demasiadamente heterogênea, e a ela o PT reagiu afirmando que os manifestantes eram um boicote à grandeza que o Brasil havia, finalmente, atingido aos olhos do cenário internacional. Fantoches (pior, "inocentes úteis", expressão cunhada pelos militares durante a ditadura) das forças reacionárias ameaçadas pela ascensão da "nova classe média". Assim, milhares de pessoas foram jogadas, de maneira simplória, à direita do espectro político, com um discurso sustentado sob a dicotomia "quem não está com, está contra, e nós somos mais". Implicitamente, o que estava

[48] Disponível em https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-assina-decreto-de-garantia-da-lei-da-ordem-para-rio-12022760. Acesso em: nov. 2018. Vale lembrar que a "Lei Antiterrorismo" foi aprovada em 2016, também no governo Dilma.

sendo dito era que o povo, a massa beneficiada pelo bem-estar recente, sabia "a verdade" e estaria do "lado certo da história". A leitura não poderia ser pior.

A primeira resposta veio no ano seguinte, nas eleições de 2014. Novas manifestações tomaram as ruas do país, agora amplamente declaradas antipetistas. Era um grito de indignação contra o engendrado para garantir a Copa e seus derivados, e contra quem o fez, o Partido dos Trabalhadores. A Operação Lava-jato, que deflagrou aos olhos da mídia e da maioria da população a sabida corrupção estatal, já estava consolidada na indignação do imaginário cotidiano.

O raciocínio é o seguinte. Se a corrupção é efeito dos governantes e, por isso, se embrenha na máquina pública, e tais governantes são do PT (há 12 anos!), é a ele que se deve dirigir a contenda. Ainda, se o PT representa a esquerda, ser de esquerda é, portanto, defender e participar de tudo isso. Se a isso sou contra, então devo ser de direita. Apesar do complexo e desfavorável cenário, Dilma Rousseff consegue a reeleição por diferença ínfima, de 3,28%: apenas 3.459.963 milhões de votos em um conjunto de 105.542.273 milhões.[49] A polarização acirrou-se a partir do sentimento de derrota inaceitável, dado que a vitória de Aécio Neves (PSDB) era tida como certa. Ao mesmo tempo, para quem reelegeu o partido, a expectativa era de um ato de confiança, espécie de "segunda" (e última, acreditava-se) chance, a qual seria traída "logo ali", levando a um "racha" enorme dentro da esquerda, partidária ou não.

Convicto da própria hegemonia, o PT deu prosseguimento à sequência de ações que eram as mesmas de que acusou os

[49] Disponível em http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html. Acesso em: out. 2018.

adversários: "votem em mim porque a outra opção fará X". Pois "X" foi exatamente o que fez, configurando o chamado "estelionato eleitoral".[50]

Colocando-se como garantia de progresso social, respaldado pela ascensão propiciada desde o primeiro governo Lula, o partido optou pela via contrária do que esperavam os já desconfiados apoiadores. Depois de impulsionar o consumo de bens, como carros, fogões e geladeiras, através do favorecimento de crédito, redução de juros e impostos, o governo aumentou o preço de seus moventes: combustível, gás e eletricidade. De repente, o custo de vida encareceu e a possibilidade de uso, daquilo alegremente adquirido, diminuiu e/ou se impossibilitou. Ao mesmo tempo, a articulação por parte dos partidos de oposição (ainda que estivessem dentro do governo "desde sempre"), aliada ao empresariado injuriado com as capacidades competitivas, e ao descontentamento pela ausência palpável de investimentos públicos, acabou por eclodir em instabilidade generalizada. Do outro lado, aqueles que respaldaram a vitória nas urnas tampouco encontravam razões para seguir defendendo o governo. De tal cenário resulta o impedimento da presidente, em seu segundo ano de mandato, no ano de 2016.

Em suma, as forças reativas ao petismo conquistaram vitória parlamentar em resposta à derrota eleitoral, enquanto aqueles que venceram nas urnas começam a defender não o governo ou o partido, mas a garantia de seu exercício legal. Não obstante, novamente o PT tentou absorver o controle narrativo para si, como se aqueles que buscavam denunciar a ilicitude do impedimento

[50] Sobre a diferença de narrativas e análises tratando desse assunto, e suas relações com o impedimento, ver o debate entre Guilherme Boulos (presidenciável pelo PSOL em 2018) e Demétrio Magnoli (colunista do O Globo), disponível em https://www.youtube.com/watch?v=orLxs4FFF40. Acesso em: nov. 2018.

fossem, no fundo, defensores da legenda, de seus projetos e suas práticas. De tanto repetir sua própria ilusão, o partido acabou por acreditar em sua veracidade.

O que é importante evidenciar a partir disso, o "pulo do gato", como diz a expressão, é que a aposta feita pelos tradicionais MDB e PSDB não rendeu o espaço esperado. O boicote deliberado ao governo[51], impulsionado desde a perseguição inconformada da perda no pleito, acabou sendo um tiro no pé. Ao retirar o inimigo do posto, não tiveram capacidade de ocupa-lo. Dois gigantes da história constitucional foram arrasados por uma onda maior do que previram seus prognósticos.

A crise agravou-se em todos os âmbitos. A investigação da Lava-jato ramificou-se, atingindo as bancadas de maneira generalizada. "Repentinamente", a corrupção não era mais exclusividade do PT, defensor de uma narrativa persecutória, mas característico de todo o sistema político tradicional. Eis que Jair Bolsonaro e o PSL emergem como alternativa. A leitura decorrente é de que todo o sistema está contaminado e as formas de governar são arcaicas e ineficazes. Condenação e encarceramento dos corruptos, que impedem o desenvolvimento do país, e enxugamento da custosa "máquina pública", que é lenta e pouco resolve. Respostas "simples e óbvias" caem sob medida às mãos cansadas de doze milhões de desempregados.

Os efeitos do impedimento presidencial ainda estão por relevar todas suas consequências sobre o imaginário social. O quanto se pode confiar na positividade da lei e na normalidade de funcionamento institucional, bem como o quanto esse "resolver no

[51] Disponível em https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nosso-grande-erro-foi-ter-entrado-no-governo-temer,70002500097 . Acesso em: out. 2018.

tapetão" não propiciará futuramente uma população mimada politicamente, que, descontente com uma derrota lá, dá um golpe cá? A instabilidade político-jurídica não deve, sobremaneira, ser tomada levianamente. Do espaço de legalidade do *nómos* fez-se o espaço da *vendeta*: transformar a justiça em vingança abre um perigoso e tortuoso caminho.

"A gente tira a Dilma, depois tira o resto" virou lema em favor da justificativa do impedimento, cujo efeito imediato foi obviamente desmentido pelo subsequente arquivamento da investigação de Michel Temer. O plenário, em vez de embasar seus votos, argumentou que "a permanência do presidente Michel Temer seria importante para dar estabilidade econômica ao país".[52] Apenas meses depois, um segundo inquérito foi igualmente arquivado.[53]

O curioso é que a eleição de 2018 demonstrou, apesar dos conluios parlamentares, significativa continuidade do movimento de descrédito parlamentar. Através da renovação dos quadros, muitos que pertenciam ao "resto" foram realmente retirados do tabuleiro.

Prosseguindo, cabem algumas ponderações mais diretamente sobre a gestão petista.[54] Primeiramente, e talvez principalmente, é necessário afirmar que, apesar dos diversos avanços sociais propiciados pelos governos PT, seu projeto foi basicamente *heterônomo*. E bem menos à esquerda do que se crê. Os movimentos sociais foram cooptados para dentro da estrutura e dela

[52] Disponível em https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/08/02/deputados-livram-temer-de-denuncia-por-corrupcao.htm . Acesso em: nov. 2018.

[53] Disponível em https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,camara-derruba-segunda-denuncia-contra-michel-temer-e-ministros,70002060600. Acesso em: nov. 2018.

[54] Para análises diversas sobre as imbricações entre governos petistas e o fortalecimento da direita, ver "O ódio como política" (São Paulo: Editora Boitempo, 2018).

se tornam sustentáculos. Não só enfraquecidos em capacidade contestatória, perderam força de mobilização para assegurar tanto sua existência quanto de um governo "favorável". O fenômeno é parecido com os efeitos da centralização soviética. Se o proletariado está no Poder, não há razão para organização social, ao menos em sentido contestatório. Toda oposição passa a ser, assim, ameaça ao projeto socialista. Limita-se as capacidades orgânicas/populares de mobilização até que reste, no máximo, um sopro de sua vitalidade originária para que a hegemonia partidária seja garantida. De "todo poder aos *soviets*" (leia-se, os conselhos operários) passou-se ao todo-poderoso Partido único.

No Brasil, semelhante papel de cooptação e desmobilização foi desempenhado pela Central Unificada dos Trabalhadores (CUT), enquanto um braço governamental e partidário junto aos movimentos[55], bem como pela narrativa de que a chegada de um sindicalista ao Poder representava, necessariamente, a derrota da velha oligarquia e dos "trezentos picaretas".[56] Só haveria, a partir de então, um caminho: para melhor. Mas os anos seguiram, a agenda mudou e as prioridades com ela: ainda que momentaneamente abalados, os pilares da desigualdade sócio-espacial permaneceram no lugar. Passemos, rapidamente, ao que aconteceu no que tange o campo, a urbe e o acesso ao ensino superior.

[55] Sobre a CUT, ver "Os sindicatos, os movimentos sociais e o Governo Lula" (DUCK, 2006), disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal19/debatesdruck.pdf. Acesso em: Acesso em: nov. 2018. Ainda sobre estratégias de cooptação e desmobilização, ver "Cidades brasileiras, junho de 2013 (Parte I e II)" (SOUZA, 2015).

[56] Trecho da música, hoje irônica, "Luis Inácio (300 picaretas)", Paralamas do Sucesso, EMI: 1995. O refrão remete a uma fala durante o mandato legislativo do ex-presidente: "Luis Inácio falou, Luis Inácio avisou, são 300 picaretas com anel de doutor".

A pauta da reforma agrária esvaneceu, não por superação, mas por esvaziamento. Se de um lado concedeu-se crédito e capacitação técnica para pequenos agricultores, por outro a estrutura fundiária permaneceu essencialmente inalterada (algo de suma importância em um país fundado a base de grilagem). A nível de comparação, o governo "neoliberal" de FHC assentou 50 mil famílias a mais que seu sucessor "comunista".[57] Ironicamente, ainda, a expansão econômica brasileira dos anos 2000 (lembrando que Lula presidiu de 2003 até 2010) sustentou-se, principalmente, na exportação de *commodities* advindas dos gigantes do agronegócio.[58] Tal setor, inclusive, permanece basilar para geração de riqueza dentro de uma matriz produtiva que tem se desindustrializado.[59]

Simultaneamente, no âmbito urbano, em vez de se comprometer com a resolução do déficit habitacional, através, por ex., da avaliação de uso dos prédios abandonados em todos os grandes centros urbanos, promoveu-se um programa econômico travestido de social, o "Minha casa, minha vida". Tal programa acabou sendo responsável por remover comunidades já marginalizadas, social e espacialmente, para locais em geral às franjas da mancha urbana, impulsionando a especulação imobiliária, fomentando o banco Caixa Econômica Federal, e, por fim, amarrando os envolvidos à máquina rentista mediante o compromisso com boletos de longa prestação.[60]

[57] Disponível em http://www.incra.gov.br/tree/info/file/15996. Acesso em: jan. 2019.
[58] Entre 2000 e 2012, a exportação brasileira de produtos primários registrou crescimento médio anual de 11,4%. Em particular, as exportações advindas da agricultura e da pecuária quase duplicaram (de 8% para 14%). Considerando-se o total exportado no mesmo período, o crescimento brasileiro foi de 340%, frente uma taxa mundial de 177% (FLIGENSPAN *et all,* 2015).
[59] Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37432485. Acesso em: nov. 2018.
[60] Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44205520. Aceso em: nov. 2018.

Por fim, em vez de priorizar a ampliação do ensino superior público (ainda que a ele tenha destinado verbas e melhorias consideráveis), criou-se programas de acesso às universidades privadas, em especial via Programa Universidade para Todos (Prouni) e Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Longe de condenar o atendimento aos beneficiados, a questão é atentar aos desdobramentos da estratégia. No imediato, contentou-se o privado com novos alunos, que são seu sustento, através do investimento de dinheiro público, ao mesmo tempo que personificou o governo no papel daquele que é bondoso com o necessitado. No médio prazo, o afago, sem dúvida agradável, revelou-se frágil e passageiro. E mais, ajudou a consolidar outro ator político com força de negociação dentro do já influente setor empresarial: entre 2007 e 2017, o ingresso no ensino superior privado aumentou 53%, acompanhado pelo acréscimo de 200% de matrículas (públicas e privadas) em ensino à distância (EAD).[61] Comparativamente, em 2016 o ensino presencial teve queda de 0,08%, contra o aumento de 7,2% à distância.[62] Ainda no mesmo ano, do total de ingressantes no nível de graduação, 82,3% se deram em instituições privadas.[63] Como em outros casos, o público promoveu o privado que, agora fortalecido, reclama de sufocamento regulatório.

Diferente do que talvez tenha acreditado o PT, a melhoria de condições materiais e maior acesso a serviços não criaram (e, provavelmente, nunca criarão) algo se quer semelhante à consciência

[61] Disponível em https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/09/20/aumento-das-matriculas-na-graduacao-a-distancia-e-o-maior-desde-2008-aponta-censo.ghtml. Acesso em: nov. 2018.
[62] Disponível em https://exame.abril.com.br/carreira/cursos-ead-estao-crescendo-no-brasil/. Acesso em: nov. 2018.
[63] Disponível em http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206 . Acesso em: nov. 2018.

de classe, ou à postura ideológica (no sentido de visão de mundo) crítica. A capacidade de consumo resultou em nada mais que a demanda de sua garantia. Nenhuma surpresa, na verdade, do que se poderia esperar de um sujeito subjetivado aos moldes do *homo economicus*.

O projeto lulista produziu-se, assim, almejando conciliação política e satisfação econômica. Vale dizer que não se trata de discutir o quão pior teriam sido outros governos. Ou negar as evidentes melhorias propiciadas por aquele. Trata-se, isso sim, de dizer que mesmo sendo realizável por um período, a servidão a dois senhores não é possível permanentemente. Além disso, se tanto critica-se o PT, à esquerda, é porque dele se esperava muito. Não há surpresa no fato de que um partido conservador não atenda demandas populares e tome medidas de arrocho sob quem menos têm. Mas há surpresa, e equivalente decepção, com aquele que tanto se apresentou como diferente e que tanto prometeu o contrário daqueles a que dizia faltar "vontade política".

Ainda, é inegável que nada parecido tenha sido feito anteriormente, em termos de abrangência das políticas sociais durante as gestões petistas. Seu efeito, contudo, foi como uma corrida de cem metros, emocionante e breve. Depois de suprir as necessidades imediatas supunha-se vir a ação para garantir sua perpetuação. Por que não, assegurado o Bolsa-família, agir diretamente sobre os meios de geração de renda? Por que não, propiciado o acesso tecnológico à produção, agir diretamente sobre a concentração fundiária? Muito se dizia que não bastava dar o peixe, era preciso ensinar a pescar. Pois bem, mesmo que se aceite que o PT não só deu o peixe como capacitou o pescador, é necessário reconhecer sua indiferença perante "os donos do poder" da cadeia produtiva.

Os programas de assistência deveriam, por definição, ser temporários, ou melhor, contingenciais. A necessidade de criação deveria almejar sua própria extinção, uma vez solucionada a demanda originária. Não servindo a isso, a assistência torna-se populismo. Exemplificando, taticamente dar alimento àqueles famintos enquanto, estrategicamente, resolve-se o problema da produção alimentícia. Basta de "pai dos pobres" ou de um "grande timoneiro". Empoderar alguém significa libertá-lo aos próprios movimentos, é criar e educar para o encontro com o mundo. Noutros termos, a manutenção assistencialista serve apenas para perpetuar heteronomia, enquanto garantia de controle populacional de "grotões eleitorais".

Talvez tenha sido esse o pecado original do lulismo. Pois, à garantia da conciliação, que permitiu tantas melhorias, condicionou-se a manutenção estrutural. Todos os estratos sociais tiveram ganhos monetários, não é à toa que respaldaram o projeto e com ele se aliaram. O aumento de capacidade aquisitiva daqueles na "linha da pobreza" aqueceu a economia nacional, azeitou o motor produtivo e permitiu ampla reprodução e acumulação de bens e serviços. Foi assim que a ascensão da "classe C", mesmo incomodando "a alta burguesia da cidade" em sua estética e costumes, permaneceu temporariamente tolerada.

Mas a narrativa (verdadeiro, sem dúvida) de que os governos petistas colocaram o filho da doméstica na universidade, fizeram o pobre viajar de avião e deram condições da empregada usar "o mesmo perfume que a patroa", tensionou-se até ruir. Se a capacidade monetária podia ser aceita, a igualdade social era um passo

demasiado: usar o mesmo Nike tudo bem, frequentar o mesmo shopping já nem tanto.[64]

A partir disso, a aliança conciliadora começa a encontrar seus limites, bem mais cedo do que tarde. Junto à derrocada econômica houve a insustentabilidade do reiterado discurso dicotômico: "PT versus PSDB", "nós-com-consciência-social versus eles-predadores-do-bem-comum", "PT-representante-da-esquerda versus todos-os-outros-representantes-da-direita", "legítimos versus golpistas", "a-única-solução versus a-barbárie", "programas-sociais versus extinção-das-assistências", "certos versus errado".

No plano institucional parece ter acontecido o mesmo. Lula entendeu muito bem o que precisava fazer para conseguir ampla maioria parlamentar. Articulou todo espectro político para garantir as tramitações legislativas. Sem dúvida, um feito notável. Não, por isso, louvável. Eduardo Cunha, na presidência da Câmara, e Michel Temer na vice-presidência do Executivo, por exemplo, foram riscos que o próprio partido decidiu correr e os quais teve que quitar. Errou ao avaliar o quão dispostas as forças reativas estavam a cortar a mão para manter o braço. Os movimentos sociais, por outro lado, que inicialmente o alavancaram e foram sua base sólida, haviam sido cooptados e enfraquecidos no desenrolar da governabilidade, incapazes de exercer resistência quando resultou necessário. Igualmente, também as alianças partidárias que dele se afastaram (como PSDB e MDB), crendo em sua própria sobrevivência, avaliaram mal as margens de manobra. Chegado o momento crítico, haviam perdido o controle sobre aquilo que geraram, cuja fraqueza consumou-se em uma corrida eleitoral pífia para presidência.

[64] Quanto a essas tensões, entre o acesso ao consumo e marcadores de diferença, ver Pinheiro-Machado e Scalco (2018, p. 53-59).

Infelizmente, a eleição de 2018 mostra que, todavia, a lição ainda não foi aprendida. O PT segue, apesar da aposta de risco em 2014 (a bem da verdade, desde 2011, com uma candidata sem qualquer histórico político), e cada vez mais no limiar de sua potência, querendo manter uma pseudo-hegemonia no "campo da esquerda". Continua disputando via polarização, de discurso dicotômico, independente das consequências gritantes que a estratégia tem mostrado. Mesmo com o maior líder do partido encarcerado, mesmo com uma presidente cassada via parlamento, nega-se a ceder um milímetro. Ocupar o cargo de vice, por exemplo, em vez de encabeçar a chapa, é proposta inominável.

Apostando na herança imaginária dos anos dourados, e no medo do "fascismo", joga irresponsavelmente com a saúde mental da sociedade e com a saúde jurídica das instituições. Negando-se a admitir suas falhas e a fazer a tão clamada autocrítica, recusa, enfim, a admitir responsabilidade permissiva na criação da figura e do discurso de um Jair Bolsonaro. Negando-se, também, a admitir que a população vota mais por interesse e descontentamento individual do que por classe/ideologia, testa a paciência e a disposição daqueles que, apesar de dele discordarem, estão ainda menos dispostos a aceitar um governo de ultradireita.

Não fosse suficiente, o partido reiterou Lula como presidenciável até o último momento, quando era notoriamente sabido que sua condenação o impediria de concorrer, em função da Ficha Limpa. Com a candidatura finalmente rejeitada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), foi anunciado o nome de Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo que conquistou apenas 16% na tentativa de reeleição, não chegando sequer ao segundo turno. A tentativa de "colar" o nome do primeiro ao do segundo, para que absorvesse seus

oscilantes 40% de intenção de votos, estancou em 29%. Apesar de todos pesares, com o total abaixo do esperado pelo partido, o candidato e advogado de Lula chegou ao segundo turno.

Contudo, há algo por celebrar. Mesmo considerando-se todos os malefícios *políticos* causados pelo PT, acalenta o fato de que se mantenha como maioria num Congresso amplamente reacionário, mínima esperança de votos contrários à bancada que lhe segue de muito perto. Diferente do que se pensou, talvez apesar da legenda e por causa dos nomes individual, como no caso do senador reeleito Paulo Paim, mantém significativa força parlamentar. Apesar de ter ido à lona, o partido conseguiu manter-se de pé antes do fim da contagem. Ver-se-á quantos ringues ainda aguentará.

Em termos de pluralidade institucional, alegra o PSOL conseguir ultrapassar a cláusula de barreira, garantindo, assim, repasse de verbas do fundo partidário. Ainda que permaneça uma sigla pequena, segue na disputa dos espaços discursivos nos plenários federal e estadual. Sua força e competência, todavia, está para ser testada em um cargo Executivo.

Vale lembrar que o PSOL, apesar de ter estado ao lado do petismo diversas vezes, é fundado em 2004 visando postura crítica perante o deslocamento ao centro do governismo conciliador. Por diversas vezes a legenda balizou, por ex., os aspectos liberais e assistencialistas do Partido dos Trabalhadores. Sua oposição se deu muito na linha de cobrança das ausentes transformações que tanto o PT professorou. A bem da verdade, o PSOL cobrou do governo petista o mesmo que este sempre cobrou dos anteriores, a falta de "vontade política" para mudar profundamente o país. E, assim, teve importante papel em demonstrar a diferença radical entre estar do lado de cá na mesa de negociação e sentar na cadeira administrativa.

Resta saber se, chegada sua vez, conseguirá fazer diferente dos que o precederam. Independentemente do eventual resultado, será importante momento de avaliação das influencias e possibilidades de aliança com, contra e apesar do Estado. Pois, até agora, em termos administrativos, o PSOL está na posição do PT até 2002.

Ainda, destaca-se que, pela primeira vez na história do país, foram eleitas algumas vozes minoritárias: duas deputadas estaduais transexuais e uma senadora tetraplégica, em São Paulo, e um senador homossexual no Espírito Santo.[65] O aumento de assentos federais ocupados por mulheres cresceu 50%, enquanto o aumento estadual (na totalidade de todas unidades federativas) foi de 35%. No Senado a porcentagem permaneceu inalterada.[66] Quanto à representatividade negra o aumento foi de 25%.[67] A população indígena, por sua vez, volta a eleger uma representação institucional depois de trinta anos, quando Mário Juruna (PDT) tornou-se o primeiro deputado federal ameríndio. Agora é Joênia Batista (REDE) quem ocupa o cargo, a primeira mulher indígena na Câmara, em seus quase 200 anos de existência. Ela também foi pioneira ao se graduar em Direito pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).[68]

***

[65] Disponível em http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/deputada-trans-gay-tetrapelegica-politica/. Acesso em: 30 out. 2018.

[66] Disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/no-de-mulheres-eleitas-se-mantem-no-senado-mas-aumenta-na-camara-e-nas-assembleias.ghtml. Acesso em: 30 out. 2018.

[67] Disponível em https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/09/apenas-4-dos-candidatos-eleitos-para-cargos-de-senador-e-deputado-estadual-e-federal-sao-pretos.ghtml. Acesso em: 30 out. 2018.

[68] Disponível em https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/roraima-elege-primeira-mulher-indigena-deputada-federal.ghtml. Acesso em: 30 out. 2018.

Dito tudo isso, não há como negar que, diante de tão assombroso quadro, a postura inicial, quase que instintiva, é de desalento e até de ridiculez. O que se quer discutindo autonomia e a autoinstituição da sociedade quando, claramente, a opção atual não só não é pela "democracia" representativa como o é por algo muito pior?! No primeiro dia de Janeiro de 2019 assumirá a cadeira-mor do Executivo[69] um político que, além de possuir patente, defende abertamente os anos de chumbo da ditadura militar. Emerge daí uma recorrente dúvida, aquela que caracteriza cada vez que o mal nos aflige, "por que comigo?, eu não mereço". Por que nós? Causalidade. Contingência. Acaso. Caos. Não importa. O mundo de amanhã é produzido no de ontem, e isso coloca apenas uma questão realmente efetiva, ao que tudo se reduz: *quem se não nós, quando se não agora*?

Assim, o estranhamento, tendencialmente desmotivador, esmorece. Há de se permanecer no caminho libertário não por inércia, loucura ou ignorância dos fatos. Sobremaneira. Mas por escolha, obstinação persistentemente engajada em algo mais amplo que nossas pesquisas, um projeto de vida, *o da busca de uma existência livre*. Livre de pré-conceitos, de opressões, de determinismos.[70]

Por fim, tal se sustenta na clareza herdada do "príncipe anarquista" Piotr Kropotkin, de que a liberdade se conquista, e

[69] Como deve ter ficado claro, o texto foi produzido basicamente após, e sobre, o primeiro turno das eleições. Apenas esse trecho final já é ciente da vitória de Jair Bolsonaro.

[70] "Os seus preconceitos, quem paga seus preconceitos, é a vida social. Quem paga teu preconceito é a sociedade. Quem vai sofrer, por causa do teu preconceito, é a sociedade. Então, a sociedade tem, sim, todo o direito de lutar contra o teu preconceito e o preconceito que você passa ao seu filho" (min. 44). Trecho da palestra de Prof. Dr. Wladimir Safatle, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5jpjiTkLZBo. Acesso em: 30 out. 2018.

também na resignação das palavras de Gonçalves Dias, de que a vida é luta renhida. E um dia, caso alguém duvide da trova narrada, torná-lo-ei prudente: "meninos, eu vi!"

Porto Alegre, Dezembro de 2018.

Referências bibliográficas

DUCK, Graça. Os sindicatos, os movimentos sociais e o governo Lula: Cooptação e resistência. In. OSAL, **Observatorio Social de America Latina**, año VI, nº 19. Buenos Aires, 2006. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal19/debatesdruck.pdf. Acesso em: nov. 2018.

FLIGENSPAN, F. B. et al. As exportações do Brasil nos anos 2000: evolução, market share e padrões de especialização a partir de distintas agregações setoriais**. Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 41-56, 2015. Disponível em : https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/download/3502/3539.

MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia M. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In. SOLANO, E. (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 53-59.

SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Dos espaços de controle aos territórios dissidentes**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ZIBECHI, Raúl. **Autonomias y emancipaciones**: América Latina em movimento. Lima: Universidad Mayor de San Marcos, 2007.

_____. **Territorios en resistencia**: cartografia política de las periferias urbanas latinoamericanas. Buenos Aires: La Vaca Editora, 2008.

Submetido em: 05 de maio de 2019.

Aprovado em: 25 de agosto de 2019.

Como citar esta nota:

LIMA, Theo Soares. Ensaio de cartografia política: as Eleições de 2018. **Terra Livre**, notas, v. 1, n. 52, p. 695-732, jan.-jun./2019.